

DO NADA

A vasta maioria do Universo é ... nada.

Sim, de tudo o que há por aí, o que mais enche o Universo é nada. É o vazio.

O que ocupa mais espaço? Nada.

O que mais preenche tempo? Nada.

Antes do big-bang havia nada. A seguir, logo a seguir, Universo.

Antes de mim havia nada. Logo a seguir, eu

Antes do amor havia nada. Logo a seguir, tu.

Antes da separação havia nada. Logo a seguir, saudade.

Do nada ou no nada aconteceu tudo.

Em 29 de Janeiro de 1993 aconteceu a Universidade Independente.

Em 2005 os seus primeiros Mestres. Os primeiros Mestres que saem da Universidade Independente.

Mais algum tempo e será o ano dos primeiros doutorados.

Porque do nada sai tudo. O nada tem que ter uma estrutura. Foi de uma estrutura de homens livres e independentes que esta nossa Universidade Independente surgiu.

Uma estrutura que criou a partir do nada, do vácuo, do vazio. A Física Quântica anda em busca da estrutura do vácuo. A estrutura que deu para a criação do Universo.

As religiões garantem que a estrutura do vácuo, do vazio, do nada é o Verbo: “No princípio era o Verbo”.

Mas e o vácuo em nós? À semelhança de tudo o que nos rodeia, de tudo no Universo, tem que ser lá, na estrutura do nosso vazio, do nada do íntimo, que está toda a criatividade.

O Américo Mateus, eu, e todos os que quiserem, gostaríamos de perceber como é a estrutura do nosso nada. A individual, a de cada um de nós. E, também a colectiva. A do nosso comportamento colectivo. A que faz emergir a criação.

Cada um de nós tem que ter uma estrutura para o seu nada, para o seu vácuo, para o seu vazio. O que fazemos é uma expansão, é uma realização da nossa estrutura do nada. Tal como a estrutura do vácuo que desencadeou o Universo no seu momento de criatividade: o big-bang.

Algumas vezes nós sentimos atracção pelo nosso vazio. No espaço não podemos fazer grande coisa para mergulharmos no nosso nada. Mas, no tempo até o matamos para ficar com nada.

Vale a pena olhar para ver como é a nossa estrutura, a do nosso nada, a construtora da nossa criatividade.

Inventámos uma experiência. Peço-lhe que a faça. Nós estamos a fazê-la nos cinco continentes com controle e método científicos. Mas, hoje, veja, dê uma primeira olhada para ver como é a sua estrutura do nada. Apesar de tudo é a partir dela que gera, que cria tudo.

Coloque uns materiais moldáveis ou com que possa desenhar, pintar na mesa que esteja na sua frente.

Tape os olhos. Feche os sentidos. Dispa-se de emoções. Retire os pensamentos. Encha-se e vista-se, de nada, com o tecido do seu nada.

Deixem, agora, que eu lhes toque nos batentes da vossa estrutura do nada para os sondar com uma forma muito particular de Verbo: um Fado.

As emoções, os pensamentos, tudo o que agora lhe vier, vem da estrutura do seu vazio. Brotaram do seu nada. São expressão da estrutura do seu vazio, no final, da sua criatividade. Dê-lhe uma forma concreta nos materiais moldáveis, desenhe, pinte com o que está à sua frente, ainda com os olhos vendados.

O resultado é o design criado pela sua estrutura do nada, pela sua alma.

Se quiser e melhor ainda deixe que o corpo mostre as suas emoções, os seus pensamentos, de olhos encobertos. O resultado será o da dança que existe na sua alma, naquele momento. Se tiver nascido em Portugal talvez a sua dinâmica corporal, a criatividade da sua dança seja a coreografia da saudade ou que o seu design seja o da saudade.

Mas, se for doutra cultura, doutra Nação. Se o seu nada colectivo tiver outra estrutura acreditamos que os resultados sejam diferentes. Mas sabemos que só a arte que cada um realizar e produzir nos pode abrir a porta para a sua arquitectura do nada. Para o seu principio Criador. Para si. Vamos, então fazer ouvir fado a todos os habitantes do planeta que queiram que perscrutemos, por este meio, a estrutura quando estão cheios

de nada, para lhes ver a estrutura do seu próprio vácuo. A estrutura que tem as janelas que dão para a sua forma de criar.

No final, quando tivermos junto todos os designs, todas as danças e analisado todos os resultados do brotar da criatividade a partir da estrutura individual do vazio, talvez lá esteja a assinatura da Humanidade. Muito do seu Fado. E, também as muitas facetas e faces da estrutura que cria, que gera e dá para a Saudade. Talvez, lá se veja um pequeno canto de um pilar da futura estrutura de Deus. A estrutura do ser e não a estrutura do ter.

E, no entanto o que é comum ouvir é a conversa do ter:

Um amigo que já não via, há algum tempo, senta-se na mesa do café. Apresenta-se vestido e calçado com anúncios de pronto a vestir. Desfiou a conversa do Ter. Durante duas horas o que ele não tinha. O que ele não conhecia. Quem ele influenciava. As mulheres que tinha. No entanto, a poetisa já dissera: “tiram-nos o que não temos, dão-nos o que não possuem”. Das Mulheres ninguém tem.

De resto, Ter. Não se tem. Usufruímos. Usamos o que nos toca no leilão da vida. Todas aquelas peças que vão ao leilão já fizeram parte de sucessivas conversas do Ter. Dos mais antigos, inúmeros foram os donos. Têm valor porque lhe atribuímos significado. Já foram parte de versões, sem fim, de conversas do Ter. No fim, foram os objectos, as terras, as casas, os outros que nos tiveram. De entre todos os que nos possuíram benditas são as

Mulheres. As Mulheres que tomam contam dos homens e as Mulheres que tomam conta do mundo.

Nós somos os filhos das Mulheres. Têm uma paciência infinita para as nossas brincadeiras. Fizeram-nos para o mundo. No centro e na periferia da vida lá estão as Mulheres. No caminho, entre ambos, também.

Da Terra Nova ao Chile, do Brasil ao Japão, de Marrocos às Molucas as Mulheres portuguesas fizeram o Mundo. Vinham de uma população que oscilava entre um milhão e um milhão e duzentos e cinquenta mil pessoas. Habitaram as praças de África, os Castelos de Portugal no planeta. Lutaram nos contrafortes. Algumas: “prenhe e com a barriga à boca de uma filha que logo pariu”.

Viviam, vivem, com grande ansiedade. Mesmo angústia. A luta rouba-lhes a vida de muitos amores. Homens, pais, irmãos, filhos. Uma Mulher a quem se roubou um amor é uma Mulher que se vingará. Que luta e fere. Que emprega e oferece, nessa luta, a vida.

As Mulheres sabem que Darwin estava incompleto na sua luta pela sobrevivência. Quem se dedica, como os homens só à luta e à conversa do Ter perece. Ele e todos os que estiverem à sua volta. Os homens, somos descartáveis.

As Mulheres inventaram para garantir o futuro, a cooperação como o método. Como a forma que ultrapassa a selecção natural. A verdadeira chave de quem passa na evolução é a ajuda mútua entre seres da mesma

espécie. A espécie que se entreaajuda tem sobre todas as outras a vantagem para sobreviver. E as Mulheres tomam conta do Mundo.

De Portugal tomaram conta, uma Teresa, de Afonso Henriques, uma Isabel, de um rei por amar, uma Filipa de Lencastre, da ousadia de dar um destino português ao mundo, uma Leonor, da misericórdia, uma Luiza de Gusmão, da independência. Pelo mundo, uma Ana de Chaves fez um povo, o de S. Tomé.

E, dia, após dia; todos os segundos do dia com a coragem serena da certeza das coisas da vida as Mulheres estão de atalaia e tomam conta.

Dão-se. Ninguém as tem. Conversam. Falam. Olham aquele olhar. E são elas, as Mulheres, quem tem. E têm porque dão valor aos outros.

Atribuimos valor a coisas tangíveis. Atribuimos valor a coisas para além dos sentidos. Com eles construímos um sistema económico.

Ora este sistema económico é um grande desenvolvimento tecnológico. Foi erigido por um processo semelhante ao das catedrais. Durante décadas, pessoas, vêm até ao estaleiro. De cada vez juntam e colocam novos blocos em cima de velhas fundações. Cada um que vem diz: “Eu construí a catedral”. Na próxima geração outras virão. Até que um dia um historiador perguntará: “Quem construiu esta catedral?”. Inventam para benefício da história. Todos sabemos que fomos nós. Sim, nós. Seres ligados por circuitos que armazenam, processam, distribuem dados. Construímos contextos para os dados e trabalhamos, então, com informação. Parece ser esta permanente evolução de linguagem que refina

o fluxo de informação. Vai-lhe acrescentando formas com cada vez mais significado. Estabeleceram uma hierarquia que nos leva à interpretação dos sentidos sobretudo o visual, que faz aparecer a linguagem, a matemática e os fenómenos de semântica para além delas.

Fez-nos ser tolerantes aos erros. Levou-nos a atribuir significados aos electrões. De acordo com a União Internacional de Telecomunicações circularam, em 1995, 2,3 biliões de dólares electrónicos em cada vinte e quatro horas. Atribuímos, então, em 1995 o valor de cento e oitenta mil toneladas de ouro por dia a... electrões. E. Nós, os quase quatro mil milhões de “andantes do pensamento”, de Mins, ligados pelo telefone, rádio, televisão, imprensa, agora que afirmamos que só acreditamos naquilo vemos; que nos dizemos tão positivistas; que repetimos vezes sem conta só acreditar no que vemos construímos o sistema metafísico mais fantástico desde a Criação.

Nunca alguém verá um electrão. E, no entanto damos-lhe valor. Ao electrão.

É esse sistema, é este o método, que nos permite atribuir significado a electrões. Electrões que ninguém alguma vez verá. Mas depois de terem significado. Depois de terem significado a esses tais electrões; nós, como a tudo a que damos significado; nós, atribuímos valor. De facto, mais de dois biliões de dólares por dia. Em consequência geramos economia. Mas os Eus, os “caminhantes de passos lentos”, só ainda temos carro, avião e hoje satélites para viajar com todos os nossos átomos. Enquanto os

“Mins” têm acesso uns aos outros em quatro segundos. Os Cidadãos precisam de vinte horas para ir de um local ao outro do planeta. Mas com informação em rede daremos o primeiro passo para que o cidadão seja o significado. Quando assim for a rede que já nos liga pelas questões de Família, Saúde, Educação, Juventude, Vida Cívica, Trabalho, Emprego, Formação, Segurança Social, Direito e Tribunais, Habitação, Empresa e Economia, contribuirá para passarmos das comunicações que para os Mins, na rede planetária, levam quatro segundos até à comunhão: a forma superior de pôr em comum.

É esse o futuro que nos aguarda. Que ainda levará algum tempo a chegar. Mas já temos um começo, algo em comum. Algo que dá significado ao Cidadão. Cidadãos com significado. Cidadãos com valor para construir o futuro. Quando lá chegarmos “O bem de um será o bem de todos, o mal de um será o mal de todos”. Não acreditam? Bem?! Até os electrões já tem significado.

E agora que reparo, é com electrões que “eu acredito” que me pagam! E a economia cresce sempre. Porque somos todos matemáticos:

Dois sacos de rebuçados. Os mesmos sabores. As mesmas embalagens. Se com alguns meses soubéssemos o que eram doces. E, se calhar, sabemos. Agarrávamos o maior.

Aliás a economia cresce porque desde o amis destituído ao mais abastado, à pergunta feita na consciência: tenho que chegar? A resposta é sempre, que não. E lá vamos incrementando o que temos.

Dizem-me, então, que a Matemática é difícil. Contudo, todos sabemos decidir sobre qual o maior. Quando se lê a história da Matemática afirma-se que está conosco há cinco milênios. Suponho que há dois milhões de anos nascemos com ela. Uma espécie de outra linguagem inata. Aliás, nunca percebi porque é que alguns ficaram extasiados com a suposta descoberta de Chomsky. Nós até escolhemos o pacote de rebuçados certo e sabemos configurar geometria sem que nos ensinem. Não é de admirar que haja uma permanência da Matemática. Esta constância, este estar sempre por perto da Matemática, distingue-a das outras ciências e certamente da tecnologia.

O processo da Matemática faz-se por adição. Nas outras ciências e na tecnologia por substituição. Uma teoria dá lugar a outra em Física, em Química, em Biologia, em Geologia, em etc. Em Engenharia, também um processo toma o lugar de outro. Em Matemática não há teorias velhas.

Em Matemática a utilização de axiomas, o aceitar aquilo que não podemos explicar por mais simples, leva a teorias de extraordinário poder e pragmatismo que se sucedem.

Todos temos consciência que, de uma maneira ou de outra, a Matemática tem penetrado cada vez mais todas as actividades humanas. Desde a escolha dos rebuçados, até à teoria das catástrofes para modelar os mercados financeiros ou a asa de um avião, passando, sem dúvida, pela análise combinatória para entender a química molecular da vida individual e o comportamento de grupos da vida social.

Para quê? Para exercitar a escolha, medindo sempre as consequências das nossas opções. Foi medindo o pacote de rebuçados que escolhemos desde sempre o maior. O maior e o menor e também o igual. Certamente, mas outras propriedades. Por exemplo, a do número que expressa a quantidade medida por ser primo. Um número divisível apenas por si e pela unidade.

O problema da primalidade: dado um número inteiro reconhecer se ele é ou não um número primo. Sem ter que efectuar múltiplas divisões.

Este problema, que, ele sim, tem três mil anos teve agora uma solução. Foram três jovens matemáticos da Índia, Agrawal, Kayal e Saxena que reconheceram no algoritmo que leva o seu nome a maneira simples de o resolver. Vai aumentar, em muito a segurança com que navegamos na Net ou com que fazemos transacções pelo multibanco. Aliás, o actual sistema de encriptação RST (Rivest, Shamir, Adleman) já é baseado num par de números primos. Cada um com meio milhar de algarismos. É aqui que reside a segurança. Com o novo algoritmo, a julgar pelas palavras de Paul Leyland, a descoberta da solução para o problema dos números primos trouxe uma nova era para esta coisa de guardar os segredos e de lhes negar o acesso à nossa vida privada na Web.

Mas uma coisa é certa. Não é segredo que tudo começou quando escolhemos o maior embrulho de rebuçados. Por isso sempre que sobre alguém se diga: Ah ... não tem jeito para a Matemática. Façam-lhe o teste dos rebuçados. Se pegar no cartucho mais pequeno, sem alegar razões, de

facto não terá. Em todas as outras circunstâncias... é um matemático. Sabe o que é a evolução, é capaz de sentir a tendência. Sabe prever e antever. Fica nervoso como agora estamos colectivamente com a rapidez com que a mudança de tudo à nossa volta se altera.

De vez em quando acontece a seguir ao conforto.

O carro é muito confortável. Esticaram no piso um tapete. De alcatrão, mas um tapete. A recta é daquelas onde se sente perspectiva. O dia é de luz. O ar condicionado. A música é música.

Sabemos que o carro está a andar porque temos referências e as vemos passar. A velocidade vê-se. A variação de espaço com o tempo tem que se ver para nos apercebermos dela. A primeira derivada do espaço no tempo tem que se ver para sabermos que existe.

A primeira derivada do espaço em ordem ao tempo vê-se.

Se carregar no acelerador e puser mais potência nos pneus sobre a estrada todo o corpo sente a variação da velocidade. A aceleração sente-se por todo o corpo. Aguentamos em conforto até quatro vezes a aceleração natural com que o planeta nos faz cair. Vivemos até dez vezes, depois desfalecemos e com um pouco mais falecemos.

A variação da velocidade com o tempo, a aceleração, a segunda derivada do espaço em ordem ao tempo sente-se no corpo.

Agora, se houver um buraco no tapete; se uma roda passar pelo buraco; se outra roda passar pelo buraco, nós ficamos conscientes que estamos a

andar de carro. Ou melhor ainda, ficamos cientes que existimos. Que somos. Que temos consciência. Gritamos pela alma.

Antes, no conforto, não. Fazíamos parte do todo. Agora que o carro entrou num buraco ficamos a saber que temos consciência em nós.

É isto: a velocidade vê-se, a aceleração sente-se em todo o corpo, as variações bruscas de aceleração tem como efeito chamar pela alma.

As variações bruscas de aceleração, foram e são muito estudadas pela indústria automóvel. Mesmo quando uma roda entra num buraco quem constrói os carros não quer que se sinta, Ninguém na indústria, deseja que a gente tome consciência. Por isso, estudou e estuda o abanão. A variação da aceleração, a terceira derivada do espaço em ordem ao tempo. Mas são os únicos a estudar esta mudança tão profunda.

Nunca alguém ensina que a terceira derivada existe e é o abanão que nos faz cientes. Ou isso ou o rádio que subitamente emite como música um ruído batido e inútil.

O equivalente no avião é a turbulência. Deixa, espalha, nervoso, a turbulência.

Mas o abanão não se ensina. Até na escola têm medo que fiquemos cientes. E, no entanto, é o abanão, o buraco na estrada ou no ar que nos faz ficar conscientes. Alerta.

Tivemos boas razões para evoluir assim.

De cada vez que há uma mudança de aceleração nós não sabemos prever. Não sabemos o que vai acontecer a seguir. Quando a roda passa pelo

buraco, nos instantes a seguir tudo pode acontecer. Desde nada, até capotar e ter um acidente mortal. Por isso o corpo tem que se preparar para o pior e toma consciência. O abanão apela à alma. O abanão gera a química, alguns dizem que é adrenalina, que prepara o corpo para sofrer e resistir.

Será tudo mas é a alma que é convocada perante o abismo do caos. Chama-mo-la, à alma, para tomar conta da emergência.

Umás vezes com muito medo. Outras cheios de alegria. Por ser de tal maneira bom, bonito, belo que seja a alegria de um nascimento. No grito de êxtase do corpo agarrado de sexo que clama por alma. A Mulher que fica fecunda chama por uma nova alma e química nova flui, abençoadamente, nela. Na turbulência de nascer, convocamos, pela primeira vez, a alma para nos acudir. E a Mãe segura-nos que está amável e tão amorosamente por perto. Há a suprema alegria de uma alma que conheceu que existe porque evoluiu para ser chamada sempre que haja um abanão na viagem.

Uma mudança tão vasta e profunda que nos ponha à prova.

A prova, a última das provas, a prova de amor, que nós entendemos com a mente, que nós percebemos com o coração, nem é a do direito nem tão pouco a da matemática.

A prova em que nós acreditamos, a que nos convence, é a do despojamento de todos os bens perante um amor, uma ideia, um sonho em acção.

A prova que nós queremos mesmo. A prova que esperamos por amor. A prova em que acreditamos é a de Abraão. Abraão está pronto a sacrificar o seu próprio filho em nome de nada ter, nada recear e nada desejar. Tudo por um amor.

A receita dos homens livres. O poder último dos que não têm poder. Recear nada. Ter nada. Desejar nada. O abandono da riqueza. A pobreza e a humildade. A ajuda mútua.

A cooperação como método de sobrevivência. A cooperação como modo de agir da selecção natural. Piotr Aleksievitch Kropotkin foi, em 1902, o autor do livro e do conceito. O Príncipe Kropotkin sabia de Darwin. Não acreditava que fosse a luta pela sobrevivência o mecanismo para a evolução. Aliás, não poderia ser. A luta acabaria, como é matematicamente evidente, por levar à rota do extremínio.

O método da evolução é o da cooperação. E, o Príncipe Kropotkin acreditava que assim era. E disso quis fazer prova. E, ele, estava nas condições de fazer a prova. Nós acreditamos inexoravelmente na prova tal qual ele a fez.

O Príncipe tinha nascido em 1842. Frequentou a escola do Corpo de Pagens. Não acreditava nos métodos da escola. Foi o primeiro do seu curso. Como tal serviu durante três anos, pessoalmente, o Czar. Estava-lhe destinado o cargo que quisesse. Não quis.

Foi explorar a Sibéria. E foi lá que observou a ajuda mútua como mecanismo de sobrevivência. Por lá viajou mais de quinze mil quilómetros

em algumas semanas. Em 1864 vai até à Manchuria. Território, então, inexplorado. Ao todo quatro grandes explorações.

Descobriu a estrutura geológica do nordeste da Ásia. Produziu a teoria dos glaciares. Sobretudo a grande descoberta da ajuda mútua. Foi eleito Secretário Geral da Sociedade de Geografia de Moscovo. Recusou.

Por essa altura ele tinha visto sofrimento humano. Por essa altura ele ficou herdeiro de uma imensa fortuna. Por exemplo: Ficou dono de uma região tão vasta como Portugal. Recusa-a quando vê que não a pode remodelar, quando não consegue desenvolvê-la para os camponeses. Não gasta com ele próprio mais de dez dólares, de então, por mês. Acredita que o Estado é o responsável pela perda de capacidade de humanos se entreajudarem. Funda o anarquismo. Gente morre aterrorizada, em cafés com bombas que, também, matam quem as transporta.

Mas o Príncipe fez a prova de que está acima dos homens. Acima dos anjos. Para os seus seguidores, um santo. Um santo que espalha medo, dor, fadiga, solidão. Um santo que gera frio, sede e fome. Um santo da malícia.

Mas, um santo. Fez a prova. Teve medo de nada. Desejou nada. Semeou o mal. Não dava margem à dúvida.

Sem a mais pequena dúvida, também, Bin Laden, nascido em 1957, deixa, o conforto de uma família de cinquenta irmãos e irmãs e recusa a herança de Mohammed Awal Bin Laden, seu pai, o maior construtor civil da Arábia Saudita.

Sem a mais pequena margem de dúvida isola-se e marcha nas montanhas do Afeganistão. Sem margem para dúvidas, para muitos, ele faz a prova. A prova de que é um santo. Teme nada. Tem nada. Deseja nada. Espalha a morte com seguidores que se comportam como uma mistura de legionários romanos, de niilistas russos, de kamikaze japoneses, de mártires cristãos. Jejuam. Vivem privações. Têm o domínio do corpo. Regulam o que o físico necessita. Sufocam o desejo.

Sacralizou a guerra. Declarou-nos a guerra em 1998. Marcha um homem pobre, alquebrado e humilde no deserto dos picos de montanhas. Um santo da malícia. Um exemplo de renúncia de riqueza, de andar, no meio de nós, pobre e humilde.

Assim como outro homem. Esse nasceu em 1182. Nasceu filho de um homem rico: Pedro Bernardone. Jovem brilhante. Cavaleiro hábil e destemido.

Defendeu a sua cidade natal. Por isso esteve no cárcere, em Perúgia, durante um ano.

Um dia, fez a prova: Herdeiro rico, famoso, confrota-se com um pedinte leproso. Vence o medo. Beija-lhe a face. Dá-lhe qualquer coisa. Nada teme. Nada deseja.

Perante o Bispo de Assis, a quem o pai tinha feito queixa perante tal abandono de vida e de bens, Francisco despe-se. Recusa a herança. Nada tem. Escreve o “Cântico das Criaturas”: ao senhor irmão Sol, à irmã Lua, às irmãs Estrelas, ao irmão Vento, à irmã Água, ao irmão Fogo, à irmã mãe

Terra, à irmã Morte. Foi pobre e humilde. Foi santo. Fez a prova. Foi santo da bondade.

Todos, fizeram a prova de amor. Uns, alguns, pela malícia. Outro, muito poucos, pela bondade. Fazer por bem o bem. Fazer cada vez melhor. Fazer com cada vez mais convicção. Agarrar o futuro com convicção.

Julgamos que a Natureza o faz com o mínimo de energia. Acreditamos que se a actividade humana estiver perto de utilizar a menor energia possível não produzirá poluição. Contudo, há mais de século e meio que se sabe não ser assim. A Natureza faz o que faz com o mínimo de acção. Que não é agitação ou frenesim. É uma medida de eficácia: o Universo tem de ser eficaz. Passado século e meio, não é cultural que a Natureza seja eficaz. Esta acção, de que a Natureza utiliza o mínimo, é o produto de uma energia pelo tempo durante o qual foi produzida ou consumida. Agora habito na Sede das Cortes. Sim, em Bruxelas. Quando venho à Sede do Atlântico, Lisboa, carrego-me durante dois mil e duzentos quilómetros. Logo após a descoberta das estradas terrestres pelos romanos, demoraria a pé uns oitenta dias. A acção que gastaria seria a minha massa (que não interessa quanto é) vezes a aceleração da gravidade, vezes dois milhões e duzentos mil metros, vezes oitenta dias, vezes oitenta e seis mil e quatrocentos segundos que são quantos tem um dia. A acção para vir a Lisboa era colossal. Quantas vezes se vinha da Flandres a Portugal? Pouquíssimas. O gasto em acção era enorme. Depois de os portugueses inventarem as estradas do mar, poderia vir em oito dias. O número que media a acção

gasta na minha viagem diminuía em grandeza. Seria o anterior dividido por dez. O valor da acção ainda seria grande. Mas, muito menor. E o comércio estabeleceu-se entre a Flandres e Lisboa. Portugal tinha aí feitorias: quem ganha não é quem produz nem quem vende ou compra, é quem transporta. Hoje, meto-me num avião e em duas horas e meia venho da terra dos Belgas até à terra dos Lusitanos. A energia gasta permaneceu a mesma; o tempo compactou-se.

A acção desceu brutalmente: setecentas e setenta e oito vezes menos que no tempo das estradas romanas.

Venho muitas vezes a Lisboa. Trabalhar, matar saudades. Velejar na canoa. Mas suponham que isto da videoconferência já estava muito difundido. Em vez de vir eu, vinham só os electrões suficientes para me representarem em voz e imagem. Na videoconferência a acção despendida é ridiculamente baixa. Terão de conceder que a massa de um electrão é bastante menor do que aquela de que sou feito. Por isso, nas telecomunicações o gasto em acção é mínimo. A energia é pouca. Os tempos da ordem dos décimos de segundo (para ir até ao satélite geoestacionário a voar a trinta e seis mil quilómetros mesmo a luz leva o tal décimo de segundo). Menos que oitenta dias ou duas horas e meia. É esta a razão da quase ubiquidade de que todos somos capazes. Não há forma de parar esta espécie de telepatia em que mergulhámos. Via telemóvel, net, com electrões ou fotões partilhamos os nossos pensamentos à velocidade da luz com um mínimo de acção, como a

Natureza gosta. Que não é a mesma coisa que o mínimo de energia. A Natureza sabe que 'água mole em pedra dura tanto dá até que fura'. Acção: pouca energia vezes muito tempo. A Natureza sabe que um laser corta pedra num instante. Acção: muita energia vezes pouco tempo. A Natureza não faz qualquer distinção. A escolha é nossa. Se não for a da menor acção geramos desperdício, poluição. Mas se for, tanto dá, porque foi a mais eficaz. E foi assim que, dois mil anos depois das estradas romanas, que nos tornámos numa sociedade eficaz. Não sabemos tecer, andamos vestidos. Não sabemos curtir, estamos calçados. Não sabemos agricultura, comemos. Tudo trazido a casa, em qualquer altura do ano. Com o mínimo de acção. Se não fosse o transporte de tudo estragar as contas da acção total, a situação seria óptima. Bem, já é eficaz.

A acção, energia vezes tempo, é uma medida de eficácia. E de cada vez que há aproveitamento eficaz da ciência, faz-se boa tecnologia. Com o aproveitamento eficaz da tecnologia, excelente engenharia; com o aproveitamento eficaz de engenharia os produtos alcançam um novo mínimo de acção. Não é um caminho fácil, não é um caminho de saltos. É persistente. De esforço, de acção em acção, para chegar perto do mínimo. E nesta senda, às vezes, poucas, temos a glória de ser surpreendidos por uma nova acção, tão eficaz, que é uma inovação. O resto é moda. Mas é na inovação que agarramos o futuro. É nela que lutamos pelo futuro. Na inovação.

Na beleza como forma de conhecimento. O sentimento da arquitectura. A empatia com outros. A partilha de amor.

Que equação a revelará? A procura da equação que mostre a solução é uma busca antiga e moderna. Tão actual que em revista após revista lá está. Como saber se ela gosta de si? Como etc... A resposta nesses artigos é sempre a mesma. Uma listagem. Em linguagem de engenharia: uma check list. Ou seja uma equação de múltiplas variáveis com coeficientes que designam a importância de cada um dos itens. No fim, trata-se de um polinómio.

Quando é para resolver as incógnitas do coração é o máximo que vemos em todos os escaparates: um polinómio.

Certamente que a primeira revista que publicar na capa “Polinómio para conquistar a sua namorada” fará mais pela Matemática do que todos os planos de ensino para esta disciplina.

É uma ambição antiga. Escrever a equação do sentimento. A equação da beleza do corpo e da alma que nos encanta. Tudo, até agora, tem falhado. Quero dizer, do lado da Matemática. Só há um caso de relativo sucesso e outro de alguma, muito ténue, esperança.

O sucesso é o da “Divina Proporção”. O da Razão de Ouro. A primeira definição da razão de ouro tem dois mil e trezentos anos e deve-se a Euclides de Alexandria. Diz-se que foi o único humano, ou pelo menos o primeiro, a olhar e a ver a beleza despida: “Um segmento de recta diz-se ter sido dividido na razão extrema e média quando o comprimento do

segmento todo está para a parte maior da divisão, como a maior parte da divisão está para a menor.” Esta proporção tem uma constante; o número de ouro: 1,68... Um dos números irracionais. Um dos incomensuráveis. E, no entanto, a geometria do corpo humano é governada por ele.

O Nautilus que Shiva, a bailarina da pulseira no tornozelo, segura é gerado pelo número de ouro. Tem a divina proporção. A última ceia de Dali, também. Um número que cria outros. Um número que faz aparecer objectos que nos são agradáveis. O número que gera as rosas amarelas. E os hindus acreditam que, por um método divino, é através de uma rosa amarela que a linguagem do amor chega, toca, até ao coração.

Um número que aparece quando se quer resolver um problema, tal como pi ou o número natural. Quando se quer resolver um problema não se pensa em beleza. Só se pensa na solução. Mas se a solução não for bela, está com toda a probabilidade errada.

Keppler, Leonardo da Vinci, Fibbonacci, Nuno Gonçalves, Lima de Freitas usaram a equação da divina proporção para expressar a natureza, a arte e a beleza. É o Universo que é construído com a regra de ouro, com a divina proporção. Não é só um de nós.

Quando se trata da regra para cada um de nós, quando se trata da divina proporção que nos completa, a equação, essa outra equação, ainda não está escrita. Mas, poderá haver alguma esperança.

A esperança que tal equação exista vem-me da equação pessoal descoberta por Bessel. Isso mesmo, o das equações que levam o seu nome: as equações de Bessel.

Bessel empregava pessoas para fazerem a medida da posição de estrelas. Um trabalho para fazer durante as noites e por isso por turnos. Ora, Bessel, um dia, arreliou-se de verdade. Alguns dos observadores registavam a posição das estrelas sempre com valores maiores. Outros escreviam no livro de apontamentos, sempre, valores menores. Bessel irritou-se, mesmo. Julgava ele que os observadores dormiam, em vez de olhar pelos telescópios, e inventavam o que escreviam. Depois da fúria lhe ter passado e de o raspanete ter ressoado pelas paredes do observatório, verificou que os observadores, de facto, mediam e registavam o que de facto viam nos teodolitos dos telescópios. Uns para mais, sempre. Outros para menos, todas as noites. E não eram erros.

As pessoas que mediam valores maiores mediam sempre maiores. O mesmo se passava para os outros, só que em sentido contrário. Bessel passou, então, a acreditar que havia uma equação pessoal. Para cada pessoa. Para cada um de nós. Uma equação. E, ainda hoje, sempre que um observador toma a seu encargo fazer medidas, a primeira coisa que faz é determinar a sua equação pessoal. Funciona em astronomia. Funciona para medir a posição das estrelas. Oxalá servisse para encontrar quem nos complete na divina proporção.